



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA DE MÚSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

ALINE REGINA DA SILVA

**A FLAUTA DOCE COMO RECURSO DE MUSICALIZAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL
NA BANDA DE CRUZETA**

**NATAL/RN
2011**

ALINE REGINA DA SILVA

**A FLAUTA DOCE COMO RECURSO DE MUSICALIZAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL
NA BANDA DE CRUZETA**

Proposta de Intervenção Socioescolar apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Música.

Orientador: Prof.^o Ms. Ronaldo Ferreira de Lima

**NATAL/RN
2011**

Catálogo da Publicação na Fonte
Biblioteca Setorial da Escola de Música

S586f Silva, Aline Regina da.
A flauta doce como recurso de musicalização e inclusão social na
Banda de Cruzeta / Aline Regina da Silva. – Natal, 2011.
47 f.: il.

Orientador: Ronaldo Ferreira de Lima.

Monografia (Graduação) – Escola de Música, Universidade
Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

1. Educação musical. 2. Flauta Doce – estudo e ensino.
I. Banda de Cruzeta – RN. II. Lima, Ronaldo Ferreira de. III.
Título.

ALINE REGINA DA SILVA

**A FLAUTA DOCE COMO RECURSO DE MUSICALIZAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL
NA BANDA DE CRUZETA**

Proposta de Intervenção Socioescolar apresentada
à Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN), como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado (a) em Música.

Aprovada em _____ de _____.
(Dezembro) (2011)

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Ms. Ronaldo Ferreira de Lima – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.º Ms. Amandy Bandeira de Araújo - Convidado
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.º Ms. João Paulo de Araújo – Convidado
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria do Socorro Santos Silva, ao meu pai José Pereira da Silva, por serem os grandes responsáveis pelo meu encontro com a música e não medirem esforços para que chegasse onde cheguei além de estarem sempre ao meu lado. Ao meu esposo Deivid Silva pelo incentivo e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sabedoria suprema a quem eu devo a minha existência.

Ao meu orientador professor Ms. Ronaldo Ferreira de Lima, pela dedicação.

Aos meus pais, Maria do Socorro Santos Silva e José Pereira da Silva, pela minha existência e ensinamentos.

Aos meus irmãos Leandro, Leonardo, Conceição, e em especial ao meu irmão Paulo por estar presente em todas as horas e por guiar meus passos nesta vida acadêmica.

Ao meu esposo Deivid Silva, pela compreensão das horas ausentes e carinho.

A todos os que fizeram e fazem parte da Banda de Flauta Doce Professora Margaret Keller e componentes da Banda de Cruzeta, em especial a Suzete Santos que me mostrou o mundo da música e ensinou as primeiras notas musicais.

Ao Maestro Humberto Carlos e a professora Margaret Keller, que me incentivaram a seguir o caminho da docência.

A Associação Cultural e Musical do Rio Grande do Norte (AMUSIC), na pessoa de Margarida Medeiros (Magna).

A todos os que foram meus alunos de flauta doce, que me ensinaram a ser professora.

A minha sogra Sônia Maria e ao meu sogro Damião Augusto, pela ajuda em todos os momentos.

A todos os amigos, em especial a Mateus Isaias e as amigas Kelly, Raline e Marilene por estarem junto comigo nesta caminhada.

Aos professores e funcionários da EMUFRN, em especial a Audinêz, a professora Betânia Franklin, João Paulo e Amandy Bandeira.

Aos Pibidianos, em especial a Catarina Aracelli e Danilo Guanais.

Aos colegas e amigos Licenciandos da turma de Licenciatura Plena em Música 2008.1.

Enfim, a todos que fizeram e fazem parte da minha vida de uma forma direta ou indiretamente.

Os meus sinceros agradecimentos.

“Antes de formar grandes músicos, pensamos em formar grandes cruzetenses, seridoenses, norte-rio-grandenses, nordestinos, brasileiros, cidadãos do mundo e de si mesmo.”

Humberto Carlos Dantas

RESUMO

O trabalho tem como foco mostrar a utilização da Flauta Doce como recurso de musicalização, educação e socialização na cidade de Cruzeta, além de fazer um panorama histórico da flauta através dos tempos. Levanta alguns fatos sobre as bandas no Brasil, tendo enfoque a história da Banda de Cruzeta e da Banda de Flauta Doce Prof.^a Margaret Keller. Tem como principal função a observação do ensino na Escola de Música de Cruzeta. Esta Escola mostra-se como pioneira no ensino e no uso da flauta como recurso de musicalização. A flauta doce apresenta-se como um instrumento que proporciona aos alunos uma vivência musical, uma integração social, um desenvolvimento motor e educacional. A Banda de Cruzeta apresenta-se como pioneira na formação social e humana de crianças e jovens, destacando-se na utilização da flauta doce como instrumento socializador. O trabalho tem como base entrevistas semiestruturadas com pessoas que fazem parte da Escola, além da abordagem bibliográfica, observações e leituras através de fotografias.

Palavras-chave: Flauta doce. Educação musical. Banda de música.

ABSTRACT

This paper focus on showing the use of the recorder as music education for beginners, education and socialization in Cruzeta city. Also, it aims to approach an historical view of the recorder. It states some facts about wind ensembles in Brazil with emphasis on the history of “Banda de Cruzeta” (Cruzeta wind ensemble) and of the “Banda de Flauta Doce Profª Margatet Keller” (Prof. Margaret Kelle’s Recorder Ensemble). It has as main objective the observation of the teaching-learning process at the “Escola de Música de Cruzeta” (Cruzeta’s School of Music). This school is pioneer on the region on the teaching and use of the recorder as music education process for beginners. The recorder is the instrument that, throughout its practice, gives to the students and musical living experience, social interaction, a motor development and educational experience. The “Banda de Cruzeta” show itself as the pioneer on the social and human development of children and young, with stress on the utilization of the recorder as an “instrument of socialization”. This text has as basis interviews semi-structured with individuals of the school, bibliographical research, observations and reading of pictures.

KeyWords: Recorder. Music education. Wind ensemble.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Banda de Cruzeta.....	17
Foto 2 - Maestro Humberto e a banda de flauta doce.....	19
Foto 3 - Banda de Flauta Doce Prof. ^a Margaret Keller.....	29
Foto 4 - Vitória Raquelline da Silva.....	31
Foto 5 - Mateus Isaias Dantas de Melo.....	33
Foto 6 - Prof. ^a Margaret Keller e alunos de flauta doce.....	38
Foto 7 - Apresentação Natalina da Banda de Flauta.....	39

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 UMA VIAGEM NA HISTÓRIA	13
2.1 AS BANDAS	14
2.2 A BANDA DE CRUZETA.....	17
3 A FLAUTA DOCE	23
4 A FLAUTA DOCE COMO RECURSO DE MUSICALIZAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO NA BANDA DE CRUZETA	29
4.1 A SOCIALIZAÇÃO ATRAVÉS DA INCLUSÃO NO GRUPO DE FLAUTA DOCE.....	32
4.2 A CLIENTELA DA ESCOLA DE MÚSICA DE CRUZETA.....	35
4.3 A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO COM A FLAUTA DOCE PARA A COMUNIDADE DE CRUZETA.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O trabalho baseia-se em mostrar a importância do ensino desenvolvido na cidade de Cruzeta pela Escola de Música dessa cidade, vindo a observar a contribuição que o ensino através da flauta doce proporciona as crianças e jovens.

Comecei meus estudos musicais na Banda de Cruzeta. Nesta, encontrei vários amigos e me descobri como docente. Aos nove anos de idade ingressei na Banda de Flauta Doce Prof.^a Margareth Keller, toquei quatro tipos de flauta doce: sopranino, soprano, contralto e tenor. Foi na banda de flauta que iniciei meus primeiros passos na docência com o incentivo do maestro Humberto Carlos Dantas (Bembém). Descobri-me como educadora ao ver a paixão que a professora Margareth Keller tinha ao ensinar e o seu modo de defender a utilização da flauta doce como recurso de musicalização. Isto me levou a pensar o quanto o ensino da flauta é responsável pela formação de vários músicos da cidade. Resolvi pesquisar sobre a flauta doce e sua importância enquanto instrumento socializador para a comunidade de Cruzeta e a relevância da formação musical na banda.

Pressupõe-se que a musicalização através das bandas desenvolve a conduta de reflexão e inserção nos indivíduos sobre suas ações e seus pensamentos. O ensino de música em Cruzeta tem o objetivo de inserir as pessoas através da socialização. Como recurso de socialização utiliza-se a flauta doce, vindo a ser o instrumento inicial na educação musical.

O trabalho divide-se em capítulos. O primeiro capítulo trata de mostrar um cronograma da história das bandas no Brasil, permitindo ao leitor situar uma relação histórica da tradição das bandas para a construção do ser, dando enfoque para a Filarmônica 24 de Outubro ou Banda de Cruzeta como é popularmente conhecida.

No segundo capítulo aborda-se a questão histórica da flauta doce. O terceiro capítulo enfoca a utilização e socialização através da flauta na Escola de Música de Cruzeta, vindo a observar através de entrevistas, a opinião de alunos da Escola sobre o ensino e aprendizagem da flauta doce.

O trabalho ora apresentado é finalizado com as considerações finais sem desconsiderar os pontos relevantes da pesquisa. A coleta de dados dá-se por meio de pesquisa bibliográfica, observação e entrevistas, para uma maior compreensão e eficiência de dados, a fim de se obter suportes teóricos e metodológicos para o

trabalho acadêmico. A produção propõe uma observação da musicalização na cidade de Cruzeta, no qual tem como foco mostrar se a aprendizagem musical é eficaz e importante para a vivência das crianças e jovens da comunidade.

2 UMA VIAGEM NA HISTÓRIA

Em meados do século XVI, período da colonização no Brasil, veio para este país os jesuítas. Vinham com a missão de pregar a sua religião católica aos povos do Brasil. Ao chegarem ao país verificaram que os colonizadores utilizavam mão de obra indígena para realização de tarefas. Existia um tráfico indígena, no qual os índios eram caçados e leiloados, sendo vendidos como escravos pelos europeus. Nos leilões, quanto mais forte era o índio mais caro era vendido, porém, algumas crianças indígenas não tinham serventia, ficando assim a serviço dos jesuítas domesticarem e educar os índios que não serviam para o trabalho braçal ou doméstico. Os indígenas tinham a sua própria cultura, seus cantos e rituais, no entanto os jesuítas foram aos poucos a modificando. Como meio de catequisar os índios os jesuítas utilizavam a música, através do canto e de alguns instrumentos musicais, começando os primeiros contatos indígenas com a música europeia. Tinham a intenção de transmitir os valores culturais europeus e o cristianismo aos índios, elaborando assim, o projeto de reunir as populações indígenas em aldeias. Nas aldeias os jesuítas formavam grupos musicais com o intuito de catequisar os nativos com os instrumentos de sopro e percussão. Ensinavam as crianças indígenas a cantar em português e a tocar instrumentos como, por exemplo, flautas, tambores e violas. Os índios cantavam, tocavam e faziam teatro nas cerimônias religiosas e festas.

Os colonizadores utilizavam os índios como meio de suprir as necessidades da colônia, os quais pensavam ser uma solução barata e prática para a mão de obra. Porém, a partir do início do século XVII, houve uma redução da população indígena devido a guerras traçadas pelos índios e colonos, além de doenças transmitidas dos europeus aos índios. Com isso os colonos buscaram uma solução, o tráfico de escravos africanos.

Vindos do continente africano através de navios, os negros tornaram-se a principal fonte de trabalho do Brasil, substituindo a mão de obra indígena. Contribuíram na expansão da economia através dos trabalhos de expansão dos canaviais e engenhos. Os negros participavam intensamente da cultura brasileira, em destaque na música. Substituíram os índios na lavoura e também no fazer musical. Possuíam uma musicalidade natural, trouxeram para o Brasil a sua cultura,

os batuques e as danças. Os ritmos e danças trazidas pelos escravos africanos foram aos poucos sendo utilizadas pelos colonos, nos quais estes se misturavam aos negros em seus batuques. Tinhorão (2005, p. 99) menciona que:

Dessa intimidade de origem com os batuques realizados em lugares ermos pelos escravos das roças - e onde sob tal designação genérica muitas vezes se abrigavam as cerimônias do ritual religioso africano – talvez tivessem tirado os brancos, atraídos pela festa rítmica dos negros, o próprio som da dança.

Nesse sentido mostra-se que os europeus utilizavam alguns ritmos e danças dos negros, vindo assim a ter uma mistura de ritmos e danças. Os negros formavam grupos musicais para comemorações e festividades como as de Senhora do Rosário. Nessas comemorações tocavam além de charamela¹ outros instrumentos de sopro. Os negros foram sendo usados como músicos, vindo a se ter grupos de charamelleyros. Aos poucos foram formadas bandas e orquestras com os músicos negros.

2.1 AS BANDAS

Com a vinda da família real ao Brasil, chegam também às bandas. No século XVIII acontece o surgimento das bandas militares, sendo formadas a partir do modelo europeu. As Bandas tornaram-se as principais manifestações populares nas cidades, pois todas as cidades, por menor que fossem, tinham uma banda.

Tinhorão (2005, p. 177) evidencia que:

Formadas a partir do século XIX em alguns regimentos de Primeira Linha, em substituição da confusa formação de músicos tocadores de charamelas, caixas e trombetas vindos dos primeiros séculos da colonização, as bandas militares tiveram organização e vida

¹ Instrumento de palheta dupla, de som estridente, do qual descendem o oboé e o fagote (KIEFER, 1977, p. 14-15)

precárias até à chegada do príncipe D. João com a corte portuguesa em 1808.

Em 1822, após a independência, as bandas militares mostravam-se com o seu quadro de músicos defasado, pois antes, eram formadas por pessoas da população que tocavam e tinham os seus próprios instrumentos, o que os faziam comportar-se como contratados e não como militares vindo assim a não ter disciplina. Diante disso tinha-se que preencher as vagas para que os músicos se tornassem militares e resolvesse o problema da falta de disciplina. Os preenchimentos das vagas para músicos oficiais se dava através do recrutamento, vindo a ter vários amadores na formação da banda. Lima (2006, p. 69) aborda que “[...] com a chegada de Dom João as bandas de música, principalmente as militares, ganham um perfil profissional e encontram nos quartéis lugar de estabelecimento de forma duradoura”. Neste mesmo período as bandas militares receberam a atenção das autoridades ocupando o lugar de Instituição oficial até o aparecimento das bandas da Guarda Nacional em 1830.

As bandas das tropas da Primeira Linha e da Guarda Nacional tinham uma instrumentação aproximada a das orquestras das elites europeias. Tocavam nos coretos e nas festas cívicas. Os civis passaram a montar bandas semelhantes às militares para tocarem em coretos de praças e bailes.

A população não tinha acesso à música, portanto as apresentações nos coretos e nas praças eram a única chance que o povo tinha de ouvir música instrumental. As bandas começaram a introduzir em seu repertório peças que estivessem na moda em sua época e que agradassem ao público geral, vindo a acrescentar em seus repertórios gêneros como valsas, polcas, schottisches e mazurcas, além do seu repertório mais tradicional que eram as marchas e dobrados. Sobre os gêneros utilizados nesta época Tinhorão (2005, p. 182-183) enfatiza que “Eram esses ritmos urbanos, afinal de contas, que algumas dessas bandas já estavam tocando nos bailes de mascaradas realizados nos teatros, durante o Carnaval, e que logo passariam às sedes das chamadas Sociedades [...]”. As bandas participavam das manifestações populares e se apresentavam principalmente para a burguesia, tocavam em eventos de cunho religioso e cívico, vindo assim, a ser uma das manifestações da expressão cultural do país no século XIX.

As bandas começaram a ganhar espaço ao longo dos anos no país, tocando nos festejos das cidades, como, por exemplo, nas festas de padroeiros, nas festas profanas e em festividades de cunho religioso, além de encontros de bandas, desfiles cívicos, entre outros.

A tradição de bandas vem sendo uma das principais escolas de música nas cidades, nas quais os integrantes aprendem através da cultura e da prática musical.

Há uma tradição em toda cidade brasileira. É parte integrante do patrimônio artístico de todas - A banda de música. De valor extraordinário, no alevantamento cultural do povo, na criação de escolas de civismo, formação de músicos para nossas orquestras sinfônicas ou grandes bandas militares, é a banda de música o conservatório da maioria de nossas comunas. ("Jornal de Limeira" nº 421, apud DAMIÃO, p. 15).

Esta tradição tomou conta de todo o país. Observa-se que em todos os estados brasileiros se tem uma banda, e no estado do Rio Grande do Norte não poderia ser diferente. Neste Estado a tradição de bandas Filarmônicas é intensa. Nota-se que as bandas fazem parte da cultura das cidades potiguares. Estas estão presentes em eventos sociais, festas religiosas, datas comemorativas entre outros. Segundo Lima (2006, p. 65) "A história da formação do músico instrumentista norte-rio-grandense está relacionada com a própria história das bandas de música." No Rio Grande do Norte o movimento de bandas se entrelaça com a história de vida de muitos instrumentistas, tendo destaque a região do Seridó.

De acordo com Galvão (1998, p. 27):

A mais antiga referência que se tem da atividade musical da região está ligada ao nome de Manoel Bezerra de Araújo Galvão, do Ingá que, por volta de 1880, mantinha na cidade de Acari, uma banda, com cerca de dez a vinte componentes. Ele próprio tocava violino no coro da igreja de Nossa Senhora da Guia e percorria as vilas e fazendas da região ensinando música.

Galvão (1998) menciona que a primeira banda surgida no povoado carnaubense que fica localizado na região do Seridó norte-rio-grandense, foi

organizada por José Venâncio Dantas, irmão do grande compositor potiguar Tonheca Dantas (Antônio Pedro), tinha como membros João Pedro, Manoel Nicolau e Pedro Carlos, além dos primos Francisco Justino, José Maria, e os irmãos Enéias e Manoel Hipólito. Estas bandas surgidas nos interiores tinham a função de abrilhantar as festas religiosas e cívicas. Tocavam nas suas cidades e nas cidades vizinhas que não tivessem banda. Muitos músicos que se tornavam maestros levavam seus conhecimentos musicais para outras cidades com a função de formar novas bandas.

Com esse tipo de prática de formação de Bandas, na qual os maestros se deslocavam pelas cidades do interior do Estado, veio para a cidade de Cruzeta o maestro Ubaldo Medeiros, o qual regia a Banda Manoel Felipe Nery que ficava na cidade de Ouro Branco. O maestro Ubaldo veio para a cidade de Cruzeta com a intenção de formar uma banda de música.

2.2 A BANDA DE CRUZETA

Foto 1 – Banda de Cruzeta



Fonte: Dantas, (2011).

A Filarmônica 24 de Outubro ou Banda de Cruzeta se tornou importante na região do Seridó norte-rio-grandense. Além de exercer a função de apresentações e formação musical preocupa-se também com a formação humana. Ganha destaque pelo diferencial em seu ensino, no qual oportuniza a todas as crianças e jovens do município de Cruzeta a vivenciar a música através da socialização, tendo como objetivo não só a formação do músico, mas também a formação cultural, educacional e principalmente a inserção social.

Na cidade de Cruzeta encontra-se uma linha histórica de educação musical que tem a sua importância não só para a comunidade, mas também para todo o Estado. No ano de 1984 se iniciava a história musical no município, com a criação da banda de música, sob a regência do maestro Ubaldo Medeiros e com o patrocínio da prefeitura municipal da cidade. O maestro Ubaldo veio da cidade de Ouro Branco, para ministrar aulas e implantar uma banda em Cruzeta, sob a indicação do padre Ernesto da Silva Espínola, que era o vigário da cidade na época, sendo o principal idealizador do projeto da fundação da banda, e a pedido do prefeito Manoel Maurício de Medeiros (Medeirinho). A escola foi fundada no início do ano de 1985, onde o maestro Ubaldo Medeiros criou a primeira turma de iniciação musical, a qual lecionava aulas de teoria e solfejo, enquanto aguardavam a chegada dos instrumentos² musicais que se deu apenas no terceiro trimestre deste mesmo ano. A primeira apresentação da Banda foi em 1986 no mês de outubro na comemoração da festa da padroeira Nossa Senhora dos Remédios. Recebeu o nome de Filarmônica 24 de Outubro em homenagem a data da fundação da cidade de Cruzeta.

Em 1987 a Filarmônica teve destaque ao participar do II Concurso realizado na cidade de Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte, onde concorreu com bandas tradicionais da região do Seridó e bandas da Paraíba e ganhou o segundo lugar. Após este concurso a Filarmônica 24 de Outubro começou a ampliar as suas oportunidades de apresentações na cidade como as festas e comemorações, eventos religiosos entre outros. O músico Humberto Carlos Dantas, mais conhecido por Bembém, assume a Banda no mês de agosto de 1988, por indicação do maestro Ubaldo Medeiros. Neste mesmo ano o maestro Humberto levou a Banda a

²Foram eles: 2 Tubas, 2 Sax-Horn's, 2 Trombones, 2 Trompetes, 1 Bombardino, 1 Sax-Soprano, 2 Saxofones Eb, 2 Saxofones Bb, 4 Clarinetas, 1 Requinta, 1 Bombo, 1 Tarol, 1 Par de Pratos e 1 Surdo. (LIMA, 2010, p. 73)

conquistar o concurso da cidade de Carnaúba dos Dantas, que se deu em Outubro, e o concurso realizado na cidade de Parelhas, em janeiro de 1989.

Foto 2 – Maestro Humberto e a banda de Flauta Doce



Fonte: Dantas, (1989).

A Filarmônica começou a apresentar-se em várias cidades do Rio Grande do Norte, o que despertou nos jovens a vontade de aprender música. No ano de 1990 a escola de música destacava-se por sua metodologia diferenciada.

Neste mesmo ano a escola passava por momentos difíceis até a chegada da professora suíça Margaret Keller, que viu a oportunidade da própria escola ser a executora de projetos para a sua melhoria. Foi criada a primeira turma de iniciação e musicalização, com cerca de 80 crianças, a qual gerou a Bandinha de Flauta Doce Professora Margaret Keller, com o objetivo de incluir crianças e jovens na aprendizagem da música e através do repertório resgatar a música folclórica brasileira. No período de mais de vinte anos, cerca de 1.000 crianças e adolescentes passaram pela Bandinha de Flauta, sendo estes alunos oriundos da zona rural e urbana da cidade. Muitos conseguiram lugar na Banda de Cruzeta. Foram através do processo se capacitando tecnicamente, trabalhando a percepção, a leitura, a prática de grupo conseguindo assim, um nível de aperfeiçoamento capaz de alcançar o mercado de trabalho e ser reconhecidos como músicos profissionais.

Têm-se exemplos de vários componentes que hoje atuam como profissionais no estado da Paraíba, de São Paulo e do Rio Grande do Norte. A maioria migrou a capital norte-rio-grandense e tiveram formação no Curso Técnico, Bacharelado, Licenciatura e Especialização em Música na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN).

A Escola de música de Cruzeta é mantida pela Associação Musical e Cultural do Rio Grande do Norte (AMUSIC), a qual é formada por membros da própria banda e da comunidade, recebe recursos oriundos da Suíça, através da professora Margaret Keller, como também, da prefeitura municipal de Cruzeta, onde 00,4% da verba cultural da cidade se estendem para a AMUSIC. A verba tem destino no investimento dos músicos, na aquisição de materiais e na manutenção dos instrumentos. Para os músicos é proporcionado um auxílio financeiro na locomoção deles para a capital do estado, podendo assim ter a oportunidade de cursarem o Técnico, Bacharelado e Licenciatura em música na UFRN. Além do incentivo de qualificação nos cursos de música, outros cursos contemplam o interesse dos componentes, como enfermagem e pedagogia.

A Sede da Escola de Música de Cruzeta situa-se à Rua Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, S/N, no Centro da cidade de Cruzeta–RN. É um estabelecimento de porte médio, com capacidade para 750 pessoas. Atualmente atende um total de 130 alunos distribuídos entre crianças e adolescentes em turmas de musicalização, Banda de Flauta Doce, Banda de Pífano, Banda Filarmônica, Orquestra carnavalesca, grupos de câmara: quintetos, quartetos, grupos de clarineta, grupos de metais, entre outros.

A Escola de Música de Cruzeta tem como finalidade o desenvolvimento integral de crianças e jovens nos aspectos musicais, intelectuais, emocionais, culturais e principalmente sociais. Funciona com uma capacidade patrimonial própria, pertencendo à Associação Musical e Cultural do Rio Grande do Norte.

Segundo Lima (2006, p. 78-79):

Os fatos motivadores e os atores que protagonizaram a criação da Banda de Cruzeta dão luz e trazem novas perspectivas para uma comunidade carente socialmente, que encontrou no fazer musical a oportunidade de incluir pessoas num projeto relacionado à música. Além de criar o ambiente propício para a prática social através da

música, parece estar acenando à possibilidade da realização do sonho pela profissionalização.

Observa-se que através da Banda muitas pessoas começaram a ver uma nova oportunidade de emprego. A Banda de Cruzeta foi uma das instituições pioneiras a abrir as discussões sobre o papel e importância das Bandas de Música na construção sociocultural e educacional de crianças e jovens, na qual tem como ferramenta a prática musical como meio de inclusão.

A Filarmônica 24 de Outubro tem vinte e cinco anos de existência, ao longo dos anos se apresentou em vários eventos culturais tanto no estado do Rio Grande do Norte como em outros. Uma das principais apresentações foi no evento realizado no Centro de Convenções da cidade de Salvador - BA, a qual se apresentou para o ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (Lula). Tem como trabalhos gravações de 07 CDs e um Documentário, (Uma Cidade Musical), o qual foi produzido pela TV Universitária (TVU-Natal) e dirigido por Rosália Figueiredo. Esse documentário foi vencedor do 7º Festival do Vídeo Potiguar como melhor filme. A Banda de Cruzeta também foi tema de estudos para dissertação de mestrado do professor Mestre Ronaldo Ferreira de Lima com o título “Bandas de Música Escolas de Vida”. A Escola de Música de Cruzeta foi reconhecida no ano de 2009 como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura (MINC). A Banda de Cruzeta levou para o mercado de trabalho musical vários alunos, hoje estes ocupam lugares importantes em várias partes do país e até no exterior, como instrumentistas, professores, regentes, compositores, produtores musicais e gestores culturais.

Sobre trabalhos realizados pelas instituições como o da Banda de Cruzeta Kleber (2008, p. 214-215) destaca que:

- a) são espaços que trabalham com conteúdos flexíveis, ancorados em demandas emergenciais de suas comunidades, portanto, são voláteis enquanto instituição;
- b) as ações socioculturais podem ser constantemente redefinidas, próximas às demandas da vida prática;
- c) são capazes de mobilização sociopolítica e, nesse contexto, as práticas musicais podem redefinir fronteiras culturais e estéticas predominantes.

Nota-se que estes espaços institucionais têm ações socioculturais voltadas para a comunidade, trabalham com conteúdos vivenciados pelos seus alunos, no qual tem conhecimento da realidade social e educacional dos seus integrantes.

A Instituição de Cruzeta tem uma trajetória de ensino não só voltada para a música, mas também para a construção de pessoas capazes de inserir-se socialmente e politicamente ao meio. O seu trabalho está focado na realidade dos alunos e tem como base a musicalização através da flauta doce. Todos os alunos da Banda iniciam os seus estudos com a flauta. O ensino com a flauta foi iniciado com a professora suíça Margaret Keller, que através da flauta doce observou a necessidade de ampliar o ensino de música para mais crianças da comunidade, dando a estes a possibilidade de vivenciar a música, pois o número de instrumentos era insuficiente para a quantidade de alunos que almejavam participar da Banda. Portanto, o ensino com a flauta doce mostra-se, para a Escola de Cruzeta, uma ferramenta de extrema importância, na qual se observa que através da flauta muitas pessoas iniciaram seus estudos e chegaram a uma carreira profissional.

3 HISTÓRIA DA FLAUTA DOCE

A flauta era um instrumento muito usado pelos Romanos, Gregos, Etruscos e também pelos Egípcios. Os Egípcios utilizavam uma flauta chamada *Nay*. Era também conhecida como *Nai*, *Nye*, *Nay*, *GagriTuiduk* ou *KarghyTuiduk*. Seus harmônicos são aproximados aos da voz humana, sendo considerado um dos instrumentos de sopro mais perfeitos. É feita com sete furos, sendo que um localizado abaixo da flauta e destinado para o dedo polegar. A sua utilização pelos Egípcios data de mais de mil anos A.C., podem ser encontrados desenhos de músicos tocando dentro das pirâmides. O nome *Nay*, de origem Persa, designa um tipo de bambu que é encontrado na região mediterrânea. A cultura Islâmica está ligada ao desenvolvimento da flauta *Nay*, é um instrumento popular e muito usado também em rituais.

Existem flautas que datam de 6.000 até 45.000 anos de idade, entre elas se destaca as flautas feitas de ossos de mamute, as quais possuem 17 e 18 centímetros, encontradas na caverna de *Geibenklöuml* por arqueólogos, próximo à cidade de Ulm, localizada ao sul da Alemanha. Entre estas flautas está a flauta *JiahuGudi*, é um instrumento chinês datado de aproximadamente 6000 e 7000 anos. *Gudi* significa “flauta de osso”, tem uma ponta aberta e varia o número de orifícios de um para oito. Além destas encontra-se as flautas de Pan, que são também conhecidas como *antaras*, *zamponñas*, *rondador*, *syrinx*, *nairumano*, *zamponhase*, flauta pastoril. Os historiadores encontraram várias flautas de diferentes tamanhos e materiais, nas quais foram se desenvolvendo até o surgimento da flauta doce.

Dantas (2003, p. 94) descreve sobre a flauta da seguinte forma:

Flauta - instrumento cilíndrico, feito de metal ou madeira, uma das mais antigas tradições do ser humano, com registros desde a antiga Grécia. A flauta transversal de metal, é o modelo usado nas orquestras e bandas. O Pífano, sua versão artesanal, é usado em todo o Nordeste brasileiro. A flauta doce é comumente usada para educação musical. Sua versão artesanal, a chamada gaita, usada em duplas, é o instrumento melódico do reisado em todo o interior de Bahia e Minas Gerais.

A flauta doce pode ser definida como um instrumento de bisel, com o 4º grau dedilhado em forquilha, e possui sete furos. É diferente dos *galoubets* (são instrumentos de três furos na frente e um atrás, é tocada com uma única mão), dos *pennywhistles* e *eflageolets*. Encontram-se registros desde a pré-história de instrumentos com semelhança a flauta doce, nos quais variam da flauta atual pela quantidade numérica de orifícios.

Lander (2000) diz que:

A flauta doce é o membro mais desenvolvido da antiga família das flautas de tubo interno, flautas com uma janela (*windway*) fixa formada por uma peça de madeira chamada de bloco. É distinta de outra flauta de tubo interno com buracos para sete dedos e o buraco para o dedo polegar que também serve como abertura de oitava.

Uma das ilustrações antigas encontra-se no afresco da Igreja *StaroNagoricvino* no *The Mockingof Jesus*, o qual é posterior a 1315, mostra uma flauta de tubo cilíndrico com a janela (*window*) e um orifício para o dedo mindinho ao pé da flauta. Segundo Hunt as flautas eram chamadas de “ ‘flauta’ (*flûte, flöte, flauto*) [recebendo depois sobrenomes como] [...] *flauto dolcena* Itália, *flût à becna* França, *blockflötena* Alemanha e *recorder* na Inglaterra” (HUNT, 1977 apud PAOLIELLO, 2007, p. 7).

A flauta doce começa a marcar seu espaço no Renascimento nas cortes europeias na qual surgiu um estilo musical puramente instrumental, diferente da música dos trovadores e da Igreja. Destaca-se o consorts onde a flauta doce toma lugar com a sua família que começa do grande baixo e vai até o sopranino.

Segundo Paoliello (2007, p. 8)

No século XVI nota-se um movimento no sentido de aprimorar a técnica instrumental com a publicação de quatro importantes métodos na Alemanha, Suíça, Itália e França, e em seguida de outros dois no início do século XVII, todos com informações importantes a respeito da flauta doce.

Destacam-se como compositores para flauta doce no final do século XVI *Thomas Morley* (1557-1602), *John Wilbye* (1574-1638) e *Thomas Weelks* (1575-1623) além de diversos compositores da Inglaterra.

No século XIII destaca-se a flauta doce de *Dordrecht*, que possuía o corpo estreito e cilíndrico. Em meados do século XIV surge a segunda flauta doce medieval. Lander (2000) ressalta que “[...] foi reportado de Göttingen (norte da Alemanha) onde foi achada em uma latrina na WeenderStraßer número 26 em 1987”. Foi denominada flauta doce de *Göttingen*, tem aberturas para sete dedos e o orifício (buraco) do dedo polegar (*thumbhole*) e é feita em duas partes.

Reconstruções de flautas doce medievais produzem um tom que é doce e agudo. Em geral, elas têm uma escala que diminui tanto quanto o instrumento aumenta de tamanho, percorrendo de um 1/12 de escala para um soprano a um nono de escala para um contralto. Alguns fabricantes conseguiram estender a escala das flautas doce de corpo cilíndrico para duas ou mais oitavas. Tais flautas doce soam melhor com outros instrumentos suaves do décimo terceiro ao décimo quinto séculos, tais como o psaltery, a rabeça, a viela, o alaúde e também a voz. (LANDER, 2000)

Fabricantes de flautas começaram no século XV a construir grupos desta e de diversos instrumentos com tamanhos diferentes. Nesse período se desenvolveu a flauta doce da renascença. Possuía uma escala limitada, tinha um timbre rico e com qualidade e seu corpo era cônico, o qual se afilava suavemente para o pé. Foram fabricadas flautas para um desempenho da música vocal e instrumental polifônica do século XV a início do século XVII.

No século XVII a flauta doce foi redesenhada para ser usada como instrumento solista. As flautas eram feitas em três partes, diferentemente das flautas dos séculos anteriores que eram fabricadas em uma e duas partes. A flauta foi fabricada com os orifícios mais precisos que antes, e tinha uma escala cromática precisa de duas oitavas, vindo assim a alcançar às duas oitavas e um quinto. Foi construída para produzir sons com uma boa intensidade e grande expressividade. As flautas doce barroca eram feitas para o desempenho da música de câmara e concerto. Além de serem utilizadas em grupos de câmara, como duetos, trios, quartetos entre outros a flauta doce destacou-se também na orquestra.

Na segunda metade do século XVII no interior da França, a família *Hotteterre* iniciou a reconstrução de flautas com o intuito de aumentar a sua extensão e modificar seu timbre. Criaram o pé da flauta doce, o qual permitiu a utilização de pedaços de madeira e brocas menores. No ano de 1707 *Jacques Hotteterre le Romain* (c.1680-c.1760) publicou o *Principes de la flûte traversière ou flûte d'Allemagne, de la flûte à bec ou flûte douce, et du hautbois*.

Na França teve destaque entre os compositores *Joseph Bodin de Boismortier* (1691-1755) com inúmeros duetos e trios sonatas, *Michel de La Barre* (c.1675-1743/4), *Marin Marais* (1656-1728) e *François Couperin* (1668-1733). Há também compositores na Inglaterra, como *Henry Purcell* (1659-1695), seu irmão *Daniel Purcell* (c.1660-1717). *Johann Sebastian Bach* (1685-1750), compositor do período barroco escreveu para a flauta, não como solista, mas utilizava-a na sua orquestra, *George Frederick Handel* (1685-1759) compôs 12 sonatas op. 1 para flauta doce, traverso, oboé ou violino com contínuo. Em obras como as de Handel a flauta doce aparece em sonatas e trio sonatas, encontram-se também cantatas de *Bach* e concertos como os de *Brandenburgo* número 2 e 4, além dos concertos de *Vivaldi*, no qual este instrumento mostra seu virtuosismo no barroco.

A flauta doce sobreviveu como um instrumento profissional no século XVIII e como um instrumento amador no século XIX, até ser trocada pela flauta transversal temporariamente. O declínio da flauta doce se deu por inúmeros motivos, entre esses se destaca a mudança dos espaços utilizados para concertos, a reconstrução na fabricação de alguns instrumentos, os quais ficaram mais potentes sonoramente, a ampliação do tamanho das orquestras, entre outros.

A flauta doce teve o seu espaço em todos os lugares do mundo. Na América do Norte os primeiros colonos se familiarizaram com o instrumento muito rápido, pois os indígenas já a utilizava. A flauta doce foi utilizada como instrumento para a marcha na guerra civil americana.

A flauta passou a ser usada em 1948 nas escolas, pois o Ministério da Educação propôs um novo currículo de música escolar, o que levou os fabricantes a produzir instrumentos de plástico. As flautas doces feitas no Japão no início tinham a digitação alemã, porém depois foi fabricada na digitação inglesa. Destaca-se a primeira apresentação em 1961 com músicos japoneses, os quais executaram o Concerto *Brandenburg* número 4 de *Bach*.

Atualmente a flauta doce é muito popular no Japão em nível amador e profissional. Existe um vasto repertório de música de compositores japoneses para o instrumento, além de vários fabricantes, tais como: *Aulos*, *Yuzuru Fukushima*, *Shigeharu Hirao*, *Kunito Kinoshita*, *Suzuki*, *Hiroyuki Takeyama*, *Toyama* (que fabrica: *Alouette*, *Aulos*, *Canto de Bel*, *Elite & Robin* de plástico), *Jun Tsukada*, *Yamaha*, e *Zen-On*.

Indubitavelmente a flauta doce tem uma história que espera ser descoberta em outros países colonizados por europeus, inclusive a Austrália, Canadá, Nova Zelândia, África do Sul, e os muitos países de América do Sul. Um começo foi feito pelo delicioso e fascinante artigo de Stobart (1996) relativo à introdução da flauta doce no século XVI na Bolívia pela Espanha e sua possível influência no desenvolvimento da nativa pinkillu, uma flauta de tubo de seis furos feita em seis tamanhos diferentes. A pinkillu é tocada amplamente na América do Sul, incluindo a Argentina (Gonzalo Juan, pers. com.). Paul Loeb van Zuilenburg (1999) registrou detalhes da recente história da flauta doce na África do Sul. (LANDER, 2000)

No século XIX o músico amador poderia tocar música romântica em tipos diferentes de flautas de tubo. Havia uma tradição muito forte na fabricação de flautas doce, a qual existiu por muito tempo antes do renascimento. No fim do século XIX a flauta doce ressurgiu. “Hoje em dia, os desenhistas das fábricas de instrumentos para amadores e para uso em escolas, continuam produzindo flautas doce que têm um som um pouco mais suave que as flautas originais do século XVIII nas quais elas são baseadas” (LANDER, 2000). Alguns fabricantes começaram a produção de flautas doce de plástico, além de experimentarem flautas doce de tamanho extremo como a flauta doce sub-contrabaixo e a flauta doce piccolino em fá de *Twaalfhoven* (uma oitava acima do soprano).

A flauta transversal até o século XVII não era utilizada como instrumento solista, pois a flauta doce tinha um som penetrante e a afinação mais precisa e permitia maior agilidade. Porém, no século seguinte, a Flauta Transversal substituiu a flauta doce, pois o novo instrumento possuía uma sonoridade maior que a flauta doce além de adaptar-se melhor aos outros instrumentos de sopro, tomando o lugar da flauta doce nas salas de concerto. Ao final do século XIX a flauta doce foi reutilizada, vindo a estar em exposições de instrumentos antigos. O interesse pela

flauta ressurgiu através de antiquários e colecionadores de instrumentos antigos. Destacam-se entre esses colecionadores *Christopher Welch, Arnold Dolmetsch, Edgar Hunt, Frans Bruggen*, entre vários outros.

Com o trabalho de *Edgar Hunt*, a partir dos anos 30, a flauta doce foi introduzida nas escolas como meio de iniciação musical na Europa. Em 1937 fundou-se a *Society of Recorder Player*. Posteriormente este instrumento passou a ter na América uma grande função educativa. No Brasil a flauta doce adquiriu a função artística e de iniciação musical. Nos anos 60 foi iniciado este ensino nas escolas brasileiras, “[...] ou particularmente formando grupos de onde saíram flautistas que, por sua vez, formaram novos grupos” (PAOLIELLO, 2007, p. 2-3).

4 A FLAUTA DOCE COMO RECURSO DE MUSICALIZAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO NA BANDA DE CRUZETA

O ensino com a flauta doce na Escola de Música de Cruzeta foi iniciado pela professora suíça Margaret Keller, formada em música pelo *Konservatorium Zurich*, especialista em educação, graduada em flauta transversal nos Estados Unidos e formada em musicoterapia pela Universidade Londrina. Veio para o Rio Grande do Norte com o intuito de participar do projeto “Aldeias SOS Internacional”, sendo professora voluntária de flauta. Conheceu a Banda de Cruzeta e o atual maestro Humberto Carlos Dantas (Bembém) através do maestro Ubaldo Medeiros que fazia parte do projeto “Aldeias SOS Internacional” na cidade de Caicó, e antes regia a Banda de Cruzeta. A professora Margaret Keller iniciou os trabalhos com a flauta doce na cidade de Cruzeta juntamente com o maestro Bembém em 1990, no qual tinha como objetivo resgatar a música folclórica brasileira, tendo como base fundamental a música popular e erudita do país. Até os dias de hoje a Escola de Música de Cruzeta segue esse modelo de ensino, que tem dado vários resultados positivos.

Foto 3 – Banda de Flauta Doce Prof.^a Margaret Keller



Fonte: Dantas, (1997).

Na Escola de Música de Cruzeta os alunos ingressam nas aulas a partir dos sete a oito anos de idade, a alfabetização é pré-requisito para o ingresso nas aulas. São lecionadas aulas de teoria musical e flauta doce. Após um período de aprendizagem os alunos passam a integrar a Banda de Flauta Doce Professora Margaret Keller. Neste grupo as crianças tem a possibilidade de tocar flauta doce soprano, soprano, contralto, tenor e baixo, além de instrumentos de percussão. A mudança de uma flauta a outra depende do desenvolvimento musical do aluno.

A utilização da flauta vem a ser uma ferramenta de iniciação aos outros instrumentos. A prática através da flauta leva os alunos a vivenciarem a música de uma forma mais ampla. Segundo Cuervo e Pedrini (2010, p. 53) “Utilizar a flauta doce como uma das possibilidades no ensino de música é abrir caminhos de exploração e criação, quebrar pré-conceitos, valorizar as preferências musicais dos alunos, sem deixar de ampliá-las”. Através da vivência com a flauta doce os alunos começam a ver na prática a teoria antes estudada. Observa-se que tal instrumento vem a ser um dos recursos que são acessíveis devido ao baixo custo e a simples manutenção.

Destaca-se como aspecto relevante no estudo da flauta doce, como precedente ao estudo dos instrumentos tradicionais da banda de música, por ser um instrumento de fácil manuseio, e não exigir porte físico desenvolvido da criança, isso é possível por se tratar a flauta de um instrumento de pequeno tamanho e de pequeno peso. Ao se iniciar no estudo da flauta doce, a estrutura física do aluno ainda é frágil para manusear instrumentos maiores e mais pesados como o saxofone, trompete, trombone, etc., por isso a recomendação, na Banda de Cruzeta, que a criança inicie no grupo de flauta doce. Posteriormente, o aluno que fez a iniciação com a flauta, agora com idade entre dez e onze anos, já pode migrar para os instrumentos da banda, propriamente dito. Observamos, pois que a prática desses aprendizes desenvolve-se de forma bastante satisfatória, uma vez que além do conhecimento técnico musical aprendido no curso de iniciação ser de grande valia na continuidade dos estudos, esse jovem não apresenta dificuldades em manusear os instrumentos por já apresentar uma estrutura física desenvolvida. Sobre a importância de se ter uma vivência com a flauta doce antes da iniciação aos outros instrumentos, a professora de clarinete Vitória Raquelline, bacharel e técnica em clarinete, especialista em educação musical, aluna do curso de licenciatura e

técnico em flauta doce, atual professora de clarinete e chefe de naipe da Escola de Cruzeta relata que:

Foto 4 – Vitória Raquelline da Silva



Fonte: A autora, (2009).

Estudar flauta doce antes de iniciar nos estudos com o clarinete proporcionou o desenvolvimento na leitura de partituras e nas posições do clarinete, porque a flauta tem a posição de se tocar semelhante à clarineta, como por exemplo, a embocadura, pois é um instrumento de boquilha e como eu já tinha um conhecimento com a flauta, quando eu iniciei meus estudos com o clarinete tive mais facilidade. Como professora de clarinete observo que há uma diferença entre os alunos que iniciam seus estudos com a flauta doce e os que não estudam a flauta antes, pois, comprovei em um teste que fiz com uma aluna de flauta, esses dias, percebi que ela já sabia as posições e o desenvolvimento dela no teste foi muito bom pois ela associou o clarinete a flauta doce, então quando eu pedi que ela tocasse uma nota ela já sabia qual seria a posterior, como por exemplo um dó ela já sabia que depois iria ser um ré. (informação verbal)³

É possível afirmar que há uma diferença entre os alunos que iniciam seus estudos musicais com a flauta doce e os que não passam pelo mesmo processo.

³ Informação verbal fornecida por Vitória Raquelline da Silva, em sua residência, em outubro de 2011.

Tais alunos que não vivenciam a prática na flauta tem uma dificuldade maior na leitura, além da socialização com o grupo. Estes que já tocavam flauta doce mostram-se familiarizados com o instrumento, na maneira de manuseá-lo, tem uma leitura relativamente melhor e já tem o convívio em grupo, tendo assim mais disciplina.

Para iniciar os estudos com outros instrumentos, como por exemplo, a clarineta, os alunos passam por um teste, no qual se observa a estrutura física do aluno e o seu rendimento nas aulas de teoria e flauta doce. Porém nota-se que existem alguns alunos que começam os seus estudos nos instrumentos antes de passar pela iniciação na flauta doce, pois existe uma necessidade de ter pessoas nesses instrumentos para que o funcionamento da banda não seja prejudicado, tendo em vista que alguns alunos não se encontram musicalmente e acabam desistindo, dando a oportunidade de tocar a outros. O teste é feito devido à quantidade de instrumentos não serem suficiente para todos os alunos de flauta doce.

4.1 A SOCIALIZAÇÃO ATRAVÉS DA INCLUSÃO NO GRUPO DE FLAUTA DOCE

A música está presente nas expressões do homem, em seus rituais, suas vivências e cotidiano. As Manifestações musicais formam um meio de comunicação universal. Através da música como cultura constroem-se mundos distintos de um mesmo lugar ou até de um mesmo grupo. Participar de um grupo traz para as crianças e jovens um sentido de pertencimento e proporciona a troca de informações, pois nesses grupos há uma multiplicidade de vivências e costumes, ao qual se misturam aos conhecimentos prévios dos participantes.

Queiroz (2005, p. 49) enfatiza que:

A capacidade dos indivíduos de construir grupos, de criar e compartilhar conceitos, comportamentos e produtos dentro de um determinado meio, e a forte utilização da música nos distintos contextos sociais da humanidade, demonstram que os fenômenos musicais, determinados pela cultura e também determinantes dessa,

estão presentes nos mais variados universos ocupados e estabelecidos pelo homem em seu convívio social.

O homem é um ser gregário, possui a característica fundamental de conviver em grupo, no qual ele necessita sentir-se incluído e em equilíbrio com a natureza e o seu semelhante. A música leva ao ser um sentimento de pertencimento e de socialização. O contexto social traz modificações para a educação musical, pois através da cultura de cada ser, as atividades educativas criam significados e relevância. Nota-se que o ensino de música através do grupo de flauta doce leva aos alunos uma forma de expressão de suas emoções, uma socialização, além de oferecer um espaço fértil proporcionando através da vivência musical uma relação entre a inteligência, à sensibilidade e a criatividade.

Sobre estar inserido no grupo e a importância do ensino com a flauta doce um aluno relata que:

Foto 5 – Mateus Isaias Dantas de Melo



Fonte: A autora, (2011).

Comecei a estudar música com 09 anos, aos dez peguei a flauta contralto. Eu nunca gostei de nenhum instrumento não, mas queria tocar trombone. No começo a minha mãe não se importava, mas

agora ela quer que eu fique. Com a música eu me formei como pessoa. Antes de entrar na flauta eu só escutava forró, depois comecei a ver outras músicas na flauta doce. [sobre estar inserido no grupo] É importante porque você pra primeiro aprender a tocar você precisa ter a visão geral de tudo, por exemplo, não cobrir o solo que o outro tá fazendo. Acho importante, porque me ajuda, eu aprendo articulação e neste grupo tenho um “bucado” de amigos. A flauta, como eu poderia dizer, é o primeiro instrumento que uma criança pega, e no meu caso foi à flauta contralto, aí nesse contralto eu tocando fui pra bandinha de flauta e comecei a conhecer outros instrumentos e aí me interessando pra entrar na banda. Uma pessoa começando com a flauta já tem uma noção, aprende a ler partitura e já tem o convívio com os colegas. Estar no grupo é importante porque você pra primeiro a aprender a tocar você precisa ter a visão geral de tudo, por exemplo, não cobrir o solo que o outro tá fazendo. (informação verbal)⁴

Evidencia-se neste contexto o sentimento dos alunos como um grupo diferencial, no qual compartilham das mesmas ideias, pois todos estão no mesmo círculo social. Todos moram na mesma cidade, frequentam as mesmas festas, valorizam as condutas religiosas que vivem as pessoas da cidade e, portanto, a relação acontece de modo mais linear, com mais proximidade. Como evidencia Freire (1987, p. 39) “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Diante disso observa-se que a aprendizagem da flauta doce em Cruzeta se dá na forma de grupo, pois os que antes eram alunos tornam-se professores para repassar o que aprenderam com o outro. A música nesta Instituição é também uma ferramenta de psicoterapia em grupo, no qual existe o uso desta arte como um agente socializador, que trabalha a música tradicional e folclórica, sendo um meio de reunir o grupo e valorizar a cultura, além de proporcionar a oportunidade de se tecer um ciclo de amizades, pois muitos jovens veem nesses espaços uma chance de construir relações com sentido familiar.

Observa-se que além de se ter uma vivência em grupo o estudo musical traz para o aluno um desenvolvimento cognitivo relevante, no qual a música se mostra eficaz na interdisciplinaridade com algumas disciplinas.

⁴ Informação verbal fornecida por Mateus Isaias Dantas de Melo, na residência da autora, em outubro de 2011.

A flauta doce trouxe para o meu aprendizado a facilidade nas disciplinas como, por exemplo, a matemática, que no entanto tinha dificuldade para compreender os assuntos que eram passados pelo professor. Com a continuação dos estudos com a flauta percebi que o relacionamento com os colegas estava melhorando, pois era muito tímida e ao passar do tempo fui perdendo a timidez. Devido à metodologia que o professor de flauta utilizava para ensinar aos alunos, passava uma música individualmente e em grupo. (informação verbal)⁵

Verifica-se que o relacionamento entre a música e a matemática dar-se através das dimensões concretas e quantitativas, já que a música possui duração, compasso, velocidade, ritmo e proporção. Nota-se que a música possibilita um desenvolvimento do pensamento lógico, o qual as duas disciplinas compartilham. Sobre esta relação Sekeff (2002, p. 78) menciona que “[...] os parâmetros musicais são passíveis de medição e representação sígnica, e que assim como a matemática, a música permite a construção de critérios que possibilitam reconhecer, abordar e resolver problemas do dia-a-dia.”

4.2 A CLIENTELA DA ESCOLA DE MÚSICA DE CRUZETA

Segundo Lima (2006, p. 77):

Na Filarmônica 24 de Outubro, os espaços de formação perdem a delimitação espacial da escola formal, ou seja, ultrapassa a geografia da sala de aula. Destaca-se nos aprendizes a espontaneidade no modo como se vestem para estudar a música: roupa informal, sem camisa ou pés descalços, denotando ser também a banda uma extensão do ambiente familiar.

De acordo com Lima esta Escola possui muitos alunos de origem humilde. Observa-se que é formada em sua maioria por alunos que buscam uma possibilidade de trabalho e mudança de vida.

⁵ Informação verbal fornecida por Vitória Raquelline da Silva, em sua residência, em outubro de 2011.

As crianças e adolescentes que frequentam a Escola de Música de Cruzeta são provenientes da zona rural e urbana do município. As famílias que fazem parte desta Escola destacam-se nas profissões de agricultor, pecuarista, ceramista, oleiros, pescador, comerciante, pedreiro, costureira, funcionário público e profissional liberal. Boa parte das crianças e adolescentes pertence a famílias de baixa renda. Este ensino traz para as crianças e jovens uma oportunidade de vivenciar a cultura e pensar em profissionalizar-se e a almejar uma carreira acadêmica, pois a oportunidade de emprego na região do Seridó está relacionada ao comércio, olaria e a agricultura.

4.3 A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO COM A FLAUTA DOCE PARA A COMUNIDADE DE CRUZETA

A música apresenta um caráter importante para a socialização e interação da criança no meio social, pois ela possibilita um desenvolvimento motor, perceptivo, afetivo, cultural, além do reconhecimento como um ser importante para o seu meio. Segundo Brasil (2001, p. 75) “A música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época.” Diante disso observa-se que desde os primeiros anos de vida as crianças já tem contato com a música através dos seus pais em diferentes e variadas situações do cotidiano, fazendo com que elas iniciem o seu processo de musicalização.

Sekeff (2002, p. 91) aborda que:

Com o hábito de ouvir música, o indivíduo, mesmo não recebendo educação musical específica, acaba por especializar um certo número de células da tal região, desenvolvendo aí um subcentro para compreensão e posterior reconhecimento dos sons musicais.

Ao habituar-se na audição musical o indivíduo trabalha a sua percepção, na qual os nervos auditivos captam o som e os leva para uma superfície do cérebro tendo assim, a percepção auditiva.

Queiroz (2005, p. 57) lembra que “[...] todo indivíduo pratica, vive e percebe música de alguma forma”, pois todos os indivíduos já tiveram um contato com a música, principalmente através do seu meio, seja este contato direcionado ou não. A música traz para o ser a possibilidade de desenvolvimento motor, emocional, perceptivo, cognitivo, afetivo, à socialização, entre outros.

Sekeff (2002, p. 24-25) menciona que:

a música transcende o mero sentimento *estético*, caracterizando-se como recurso de desenvolvimento pessoal, equilíbrio, estímulo e integração do indivíduo ao meio em que vive além de se construir um auxiliar agradável e poderoso no tratamento de certas doenças, sobretudo as de origem nervosa.

A vivência musical ultrapassa o simples papel de arte estética e se torna instrumento de socialização entre o indivíduo e o seu meio, proporcionando um sentimento de bem estar consigo e com os outros. Esta prática leva o ser a desenvolver suas habilidades motoras, sua percepção, seu bem estar, além de contribuir para a sua educação e cidadania.

Verifica-se que o estudo através da música leva o aluno a mudar o seu comportamento. Os alunos que entram na Banda de Cruzeta e fazem parte do grupo de flauta doce mostram-se diferenciados dos demais em seus comportamentos. A vivência musical transforma o ser, escutar música, cantar, vivenciar, possibilita a uma saúde mental e física, portanto o ritmo circula sobre os pensamentos, e as emoções. “É assim que ‘a música pode mudar o comportamento de uma pessoa’” (LÉCOURT, 1996 apud SEKEFF, 2002, p. 115).

Valoriza-se o curso de flauta doce em Cruzeta, porque na infância, no período da alfabetização, muitas crianças vivenciam a música na prática. O ensino se mostra muito importante para as crianças da comunidade. Sekeff aborda que (2002, p. 129) “O exercício da música desenvolve a chamada inteligência musical e esta, por sua vez, colabora no desenvolvimento de todo o sistema cognitivo do educando”. Através da prática musical verifica-se que há um desenvolvimento cognitivo, motor, na criatividade e na percepção, além da afetividade. A criança tem uma necessidade emotiva, na qual a música pode trabalhar esta área através da sensibilização afetiva auditiva. Uma das formas de trabalhar a infância na Banda de

Flauta Doce Professora Margaret Keller é o repertório. Na Banda de Flauta tem-se como repertório músicas do folclore brasileiro, pois para muitas crianças facilita na execução da flauta, já que são músicas ouvidas no seu cotidiano. Isto torna possível explorar vários elementos musicais, além de ser um meio de trabalhar a integração do grupo. Muitos alunos são incentivados a “tirar” músicas de ouvido que fazem parte do seu cotidiano, desenvolvendo assim a sua audição e percepção. Percebe-se que tal incentivo desenvolve as habilidades auditivas e instrumentais desses alunos, além de mostrar a esses que não necessitam apenas de partituras para tocar e que podem tocar as músicas que quiserem.

Foto 6 - Prof.^a Margaret Keller e alunos de flauta doce



Fonte: A autora, (2010).

Na Banda de Flauta todos são importantes. Beineke (2003, p. 94) descreve que “Cada um contribui com a sua parte, com aquilo que já é capaz de fazer. Independentemente de se estar tocando algo mais simples ou mais complexo, a participação de todos é igualmente importante”.

Além do ensino em sala de aula a Banda de Flauta faz apresentações em diversos locais da cidade. O grupo apresenta-se em datas comemorativas, como apresentações natalinas, em eventos importantes da cidade como **Aqui Acontece**

São João, Festa da Colheita, e em eventos da Associação Musical e Cultural do Rio Grande do Norte (AMUSIC) como o encerramento do ano letivo, no qual todos os alunos da escola mostram o que aprenderam durante o ano. Para Beineke (2003, p. 93) “Fazer música em grupo nos dá infinitas possibilidades para aumentar nosso leque de experiências, incluindo aí o julgamento crítico da execução dos outros e a sensação de se apresentar em público”.

Foto 7 – Apresentação Natalina da Banda de Flauta



Fonte: Dantas, (2010).

As apresentações em público proporciona para os participantes do grupo o sentimento de realização. Para estes os aplausos são o reconhecimento de todas as horas de estudos e ensaios. Verifica-se que para este trabalho o reconhecimento da comunidade é muito importante. Sobre a importância o ensino para a comunidade uma aluna relata que:

O ensino de flauta doce é muito importante para a comunidade de cruzetense, devido ao fator que a cidade não encontramos algo que possa possibilitar as crianças o lazer e atividade que as mesmas

fiquem ocupadas no dia-a-dia. No entanto as crianças vão para a escola e depois não tem algo para preencher o tempo que tem livre. Com o estudo de flauta elas preenchem esse tempo vago e sentem-se prestigiados pela sociedade no momento das apresentações em público. (informação verbal)⁶

Diante da afirmação precedente vimos que o ensino da música proporciona aos jovens e crianças da cidade ações socioculturais que combatem a vulnerabilidade emocional, afetiva e social. As práticas musicais nos projetos sociais mostram-se favoráveis para a mudança social do coletivo e do ser, pois através de tais práticas musicais de forma criativa, o aluno vivencia o cotidiano, tem a oportunidade de participar de grupos musicais e ampliar os seus conhecimentos. Na Escola de Música de Cruzeta o trabalho sócio educativo através da flauta doce vem promover a educação musical com o objetivo social, porém sem ser paternal, pois estes espaços compreendem a chance de ser uma verdadeira ponte para levar às pessoas carentes a ampliação da educação e cidadania. Diante disso destaca-se na cidade de Cruzeta o trabalho de música voltado para a socialização de crianças e adolescentes. O ensino com a flauta doce é de extrema importância para a comunidade, pois vem a ser um recurso que proporciona uma vivência musical plena.

Sobre a importância desse ensino a coordenadora institucional da Associação Musical e Cultural do Rio Grande do Norte (AMUSIC) Maria Margarida (Magna) evidencia que:

A flauta doce quando bem utilizada proporciona a socialização das crianças, desperta valores sociais e coletivos, estimula a criatividade, a memorização a atenção promovendo o interesse e envolvimento dos alunos com a música. Enquanto escolas de música, desenvolvendo um trabalho com Flauta Doce a mais de 20 anos, têm objetivos não só de contribuir na formação da criança na sua totalidade, como também preparar a criança musicalmente para ingressar na Filarmônica. Diante dessa longa experiência podemos constatar que a criança que ingressa na iniciação musical e tem a Flauta Doce como seu primeiro instrumento melódico, tem um desenvolvimento musical diferenciado dos que não teve a mesma experiência. A iniciação musical com o ensino da Flauta Doce proporciona a criança uma melhor compreensão musical e rítmica, disciplina, concentração, facilidade de participar de grupos, além de

⁶Informação verbal fornecida por Vitória Raquelline da Silva, em sua residência, em outubro de 2011.

despertar para a leitura de partituras musicais, de forma que ao ingressar na Banda, já detém conhecimentos e vivências, os quais facilitam consideravelmente o seu desenvolvimento técnico, sendo desta forma alcançado um nível de prática musical surpreendente na adaptação a um novo instrumento, num espaço de tempo que não estão colocados nos padrões do ensino acadêmico. (informação verbal)⁷

Evidencia-se, neste contexto a importância do trabalho musical para a cidade e para as crianças e jovens, além de relatar a diferença do ensino com a flauta doce antes da vivência na Banda, pois os alunos mostram-se mais interessados, o que denota a importância da implementação do ensino da flauta doce na Banda de Cruzeta. O trabalho musical nesta cidade é importante por vários motivos, principalmente por favorecer a inteligência e o raciocínio lógico.

Sekeff (2002, p. 128) aborda que:

Se inteligência é plasticidade, flexibilidade de raciocínio, capacidade de resolver problemas novos, a prática musical alimenta essas habilidades assegurando, ao mesmo tempo, expressão, relações com o universo físico e social, autonomia e adaptabilidade às condições do meio.

A utilização da flauta doce mostra-se como um recurso educacional que tem a sua importância. Através deste ensino o aluno tem a possibilidade de vivenciar a música, trazendo, com efeito, um crescimento de suas emoções, sua socialização e uma melhor compreensão das coisas do mundo.

⁷Informação verbal fornecida por Maria Margarida, em sua residência, em outubro de 2011.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da trajetória da evolução humana nos mostra o anseio pelo estabelecimento do modelo ideal de vida, no qual todas as nossas necessidades e anseios fossem conformadas num contexto de progresso e de paz. De outro modo, mesmo com todo avanço da ciência e da tecnologia, que proporciona um alto grau de desenvolvimento, colocando a disposição produtos e serviços com alto índice de sofisticação, mesmo assim, o que se apresenta não é animador. O homem está se tornando cada vez mais individualista e fechado em si mesmo. E tem dentro de si vários sentimentos: prazer, sofrimento, consumo, medo, ganância, amor, alegria, etc. Entretanto, as motivações humanas estão, na maioria das vezes, voltadas para o interesse próprio e o enriquecimento material. Essa maneira de encarar a vida, paulatinamente vem trazendo desajustes sociais, cindindo o que é para ser um conjunto. Assim, dessa forma, o que se tem como máxima quando se trata de uma sociedade harmônica e equilibrada, é um estado de desequilíbrio e injustiça. A instalação da barbárie. Desse modo, o crescimento exacerbado do comércio e da indústria, assim como a ideia do acúmulo de riqueza, passam a valer como regra máxima do “mundo” capitalista. Sendo assim, fica patente um modelo de sociedade que tem como marca a competição de todos contra todos, sendo esta a marca do nosso tempo.

O que se tem nesse estado de coisas é uma grande dificuldade de relacionamento entre pessoas. Bastam verificar os fatos que circulam na mídia diariamente, pais que matam os próprios filhos, alunos que invadem escolas e matam vários adolescentes sem nenhum motivo, jovens que se matam, pessoas sem perspectiva de vida sendo cooptadas muito jovens para o mundo do crime e das drogas. Essa triste constatação demonstra ser crucial a adoção de estratégias que sejam capazes de refrear o lado de irracionalidade exacerbada que habita o humano, como sabemos se o homem é sapiens é também demens, ou seja, lúcido e bárbaro ao mesmo tempo. Chamo a atenção para o caso do estudante de apenas dez anos de idade que atirou em uma professora e em seguida disparou um tiro contra a sua própria cabeça, notícia fartamente divulgada na mídia recentemente (outubro de 2011). Aparentemente o aluno não tinha nenhum motivo plausível para realizar tal ato. Fatores como estes nos leva a pensar o quanto a violência está

presente nos dias de hoje e dessa forma somos instigados a imaginar caminhos que possam atenuar as cadências da violência e da barbárie que campeiam o meio social sem controle e de modo sistêmico.

Para atenuar o problema da fragmentação do conhecimento e das relações entre pessoas, buscam-se várias ações alternativas que possam contribuir nesse sentido. Porém, antes de qualquer coisa é preciso compreender que somos portadores da cultura, e como tal somente pelo ofício das ideias e do conhecimento via educação poderemos vislumbrar uma sociedade mais justa e fraterna, necessidade fundamental ao desenvolvimento da espécie.

No âmbito educacional destaca-se a música, que tem a capacidade de levar o homem a transcender o seu mundo do real concreto, proporciona uma sensibilidade, criatividade e trabalha as suas emoções. A música permite que cada pessoa expresse o seu sentimento, na qual ao ouvir uma música cada indivíduo sente e percebe de modo diferente, tendo assim opiniões diferenciadas sobre a obra. Nesta arte não existe o padrão, ou seja, a forma certa ou errada de percepção. Portanto, a cada novo olhar tem-se a possibilidade de ter uma nova leitura e interpretação. A música vem a ser um recurso que quando bem utilizado pode levar o homem a sensibilização. Esta não vem a ser uma solução para os problemas humanos, porém mostra-se como um recurso capaz, quando bem utilizado, de levar ao indivíduo uma experiência única. A música tem a propriedade de trabalhar com o raciocínio lógico e o emocional do ser.

Todo o esforço deve ser empreendido para tornar o ser humano cada vez mais humano. A tradição das Bandas mostra-se como uma fonte de levar este propósito, sensibilizar o homem e melhorar o seu relacionamento com o outro através da socialização. Projetos como o de Cruzeta precisam ser preservados, pois, vem a ser uma grande ferramenta pedagógica e tem a função de transformar a vida de crianças e jovens através da música, levando um sentido de pertencimento e acolhimento. Preservar o ensino da música é buscar formas de minorar problemas educacionais, de violência, psicológicos e sociais. O projeto **Banda de Cruzeta** contribui para levar a criança e o jovem a avançar no processo de socialização, ajuda a ultrapassar o processo de conturbações e conter um pouco a tendência à violência que há dentro de cada um. Isso porque a arte tem a propriedade de desenvolver mentalmente e emocionalmente e conscientizar para uma vida melhor.

Observa-se através dos relatos dos entrevistados que cada um que passou por essa experiência musical teve mudanças em seu comportamento, no seu modo de pensar, sentir e agir, e na forma de interagir com o outro. Portanto, se é necessário conservar trabalhos musicais como o de Cruzeta, que tem tradição e contribuições importantes para o meio musical e educacional, é também necessário agir para criar condições à preservação e até mesmo a ampliação de projetos musicais que tanto contribui a formação do sujeito e só vem a somar positivamente na busca por uma humanidade sem conturbações, violência e desajustes.

Numa última palavra, acredito como Oliveira (1995) quando menciona que a vida social é um processo vivo, onde cada indivíduo é participante ativo e também onde acontece a interação com o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Hermes de. **O “B” da banda**. Rio de Janeiro: H. de Andrade, 1989.
- BEINEKE, Viviane. O Ensino de flauta doce na Educação Fundamental. In: HENTSCHKE, Liane; BEM, Luciana Del (Org.). **Ensino de música**: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 5, p. 86–100.
- BENEDITO, Celso José Rodrigues. Bandas de música: a prática musical como fator de mobilidade e inclusão social. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM NORDESTE. 7. 2008, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2008. p. 63-71.1 CD-ROM.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.v. 6.
- CUERVO, Luciane; PEDRINI, Juliana. Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre criatividade na aula de música. **Música na Educação Básica**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 48-61, set. 2010.
- DAMIÃO, José Pedro. **Tradicionais Bandas de Música**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco: CEPE, 1970. p. 15.
- DANTAS, Fred. **Teoria e leitura da música para as filarmônicas**. Salvador: Casa das Filarmônicas, 2003.
- DANTAS, Maria Margarida de Medeiros. **Banda de Cruzeta**. 2011. 1 fotografia.
 _____, **Maestro Humberto e a banda de flauta**. 1989. 1 fotografia.
 _____, **Banda de Flauta Doce Prof.^a Margaret Keller**. 1997. 1 fotografia.
 _____, **Apresentação Natalina da Banda de Flauta**. 2010. 1 fotografia.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, v. 21).
- GALVÃO, Claudio. **A desfolhar saudades**: uma biografia de Tonheca Dantas. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1998.
- HISTÓRICO da Filarmônica de Cruzeta. Disponível em: <<http://filarmonicadecruzeta.wordpress.com/historico-da-filarmonica-de-cruzeta/>>. Acesso em: 12 abr., 2011.
- KIEFER, Bruno. **História da Música Brasileira**: dos primórdios ao início do século XX. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1977.
- KLEBER, Magali. Projetos sociais e educação musical. In: SOUZA, Jusamara (Org.) **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 213-235. (Coleção Músicas).
- LANDER, Nicholas S. **A história da flauta doce**. Tradução de Romero Damião. 2000. Disponível em: <<http://www.artemidia.ufcg.edu.br/flautadoce/historia.html>>. Acesso em: 3 nov., 2011.

LIMA, Ronaldo Ferreira de. **Bandas de música, escolas de vida**. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MARIZ, Vasco. **História da Música no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
OLIVEIRA, Marta Kohl de. A mediação simbólica. In:_____. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995. cap. 2, p. 26-40. (Mestres da Educação. Série Pensamento e Ação no Magistério).

PAOLIELLO, Noara de Oliveira. **A flauta doce e sua dupla função como instrumento artístico e de iniciação musical**. 48 f. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. A música como fenômeno sociocultural: perspectivas para uma educação musical abrangente. In: QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho (Orgs.) **Contexturas: o ensino de artes em diferentes espaços**. João Pessoa: UFPB, 2005. cap. 2, p. 49-65.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: UNESP, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. Bandas nos coretos, marchas e frevos nas ruas. In:_____. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2005. cap. 3, p. 177-191.